

*A relação entre o mundo exterior e a construção das subjetividades em Terra dentro, de
Vanessa Vascounto*

Paula Mendonça Dias¹

RESUMO

Publicado em 2020, o romance *Terra dentro*, da catarinense Vanessa Vascounto, apresenta a história de duas famílias que moravam e trabalhavam numa plantação de batatas no interior rural do sul do Brasil. Com três vozes diferentes, os irmãos Rita, Mirna e Mosquito contam, a partir de suas memórias, o violento acidente que impactaria a vida de cada um deles. Mosquito, o irmão mais novo, era apaixonado por Rosa, filha do vizinho Nito, e se encontrava sempre com ela nos pés de um caquizeiro. Um dia, entretanto, Nito, que se opunha ao relacionamento dos dois, dá uma surra em Mosquito e põe fogo na árvore. Movido pela raiva, o caçula decide matar o pai da namorada, mas acaba dando uma facada em André, que tentava separar a briga, irmão de Rosa e marido de Rita. André morre, Rita perde a neném que estava gestando e Mosquito é preso. Mirna, a irmã mais velha, passa então a cuidar de Rita, que enlouquece com a morte do marido e da filha. Com estrutura fragmentada, emaranhados de pensamentos e mistura de gêneros, o romance é aos poucos narrado alternadamente pelos três irmãos. Em poucas páginas, a autora nos leva a entrar em contato com essas três subjetividades diferentes entre si, concebidas a partir da violência e do abandono no ambiente rural, cada uma com particularidades que vão dando complexidade à história. Nesta comunicação, propomos uma leitura enfocando a construção das personagens feita a partir da relação existente com o mundo exterior que passa a moldar seus mundos interiores. Para tanto, teremos como base as ideias de Karl Erik Schøllhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), pensando a literatura que passa agora a conciliar a dimensão subjetiva com a conjuntura social e histórica, e vice-versa.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Ficção contemporânea; Subjetividade; Violência.

¹ Mestranda no PPG Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: paulamendoncad@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Com estrutura fragmentada, emaranhados de pensamentos e mistura de gêneros, o romance *Terra dentro* (2020), da autora catarinense Vanessa Vascounto, é narrado alternadamente por três vozes, três irmãos. Em poucas páginas, a autora nos leva a entrar em contato com essas três subjetividades diferentes entre si, concebidas a partir da violência e do abandono no ambiente rural, cada uma com particularidades que vão dando complexidade à história. Neste trabalho, propomos uma leitura analítica enfocando a construção das personagens feita a partir da relação existente com o mundo exterior que passa a moldar seus mundos interiores. Para tanto, teremos como base as ideias do professor e crítico Karl Erik Schøllhammer, pensando a literatura contemporânea que passa agora a conciliar a dimensão subjetiva com a conjuntura social e histórica, e vice-versa.

Segundo Karl Erik Schøllhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), “a literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico” (2009, p. 15). E ele complementa:

a ficção contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na chave da volta ao engajamento realista com os problemas sociais, nem na chave do retorno da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo paradoxal e fértil (Schøllhammer, 2009, p. 16).

É desse modo que *Terra dentro* é capaz de mergulhar na subjetividade de três irmãos a partir da violência que os cerca no interior rural do sul do Brasil. Trata-se de um livro curto, mas profundamente impactante, justamente pelo modo como a autora trabalha a linguagem e a subjetividade das personagens-narradoras, sem deixar de traçar a realidade injusta e miserável que os rodeia na plantação de batatas onde moram e trabalham.

CONHECENDO A HISTÓRIA

Terra dentro, resumidamente, conta a história desses três irmãos a partir de seus próprios pensamentos interiores, ou seja, são três vozes narrativas que se intercalam a cada capítulo. Os três, Mirna, Rita e Mosquito, cresceram com uma mãe alcoólatra e aparentemente louca, que traía o pai de seus filhos com o vizinho Nito. Cada uma das perspectivas apresenta

recortes da história dessa família, que cresceu trabalhando numa plantação de batatas e vivendo na terra do patrão. O fato que movimenta o enredo, contado da perspectiva futura dos três irmãos, é o acidente que impactou toda a família no passado. Lá na plantação, Mosquito, o irmão mais novo, se apaixona por Rosa, filha do vizinho Nito, o qual perdeu a esposa no nascimento da filha caçula e é um pai ciumento e superprotetor. Apaixonado, Mosquito faz de um caquizeiro seu ponto de encontro com Rosa. Um dia, entretanto, Nito os vê dormindo juntos, dá uma surra no jovem e ateia fogo na árvore. Movido pela raiva e pelo desejo de vingança, na manhã seguinte, Mosquito vai até a casa de Nito para matá-lo, mas, sem querer, acaba dando uma facada em André, irmão mais velho de Rosa e marido de Rita, a irmã do meio, que tentava separar a briga. As consequências desse acidente são trágicas: André morre, Rita perde a bebê que estava gestando, Rosa foge para a cidade. Depois desse episódio, os três irmãos passam a ser atormentados. Mosquito é preso. Depois de alguns anos, se envolve com uma mulher que, depois de conquistar sua confiança, o engana e o assassina. Mesmo depois de morto, Mosquito é assombrado com o barulho dos passos de Nito andando em sua direção, pisando em folhas secas, como no dia em que incendiou o caquizeiro. Mirna, a irmã mais velha, passa a cuidar de Rita, a irmã do meio, que enlouquece com a morte do marido e da filha. Rita é atormentada pelos pingos de água de uma torneira que vaza, fazendo relembrar constantemente suas perdas. E Mirna se agarra a uma última esperança de felicidade: seus encontros com o caseiro, apelidado de 8e23 por visitá-la sempre nesse mesmo horário para não ser descoberto pela esposa.

A narrativa traz elementos concretos de aridez e aspereza. A escassez pela qual as personagens passam enquanto trabalhadores da fazenda se estende para uma escassez pessoal e íntima. E a violência, que a princípio viria de fora, passa a se alojar dentro, sendo novamente exteriorizada e atingindo seu ápice no acidente em que Mosquito mata André. É fato que a realidade externa endurece as personagens, mas não podemos atribuir esse endurecimento somente a ela. Já não é tão claro quem a promove e quem é impactado por ela: é o exterior abusivo que ocasiona a violência que atinge o interior ou é o interior violentado que produz a brutalidade? Tudo indica que as duas coisas acontecem. Não há mais limite definido, a demarcação foi borrada e agora essas influências convivem em simbiose. A terra, o pó vermelho que fica incrustado na pele, constitui essas personagens e suas identidades a partir da violência, do abandono. Como Nara Vidal diz na orelha do livro, há ao mesmo tempo uma aridez de fato e uma aridez identitária. Citando Schøllhammer, poderíamos dizer que, assim como em outras narrativas contemporâneas, como *Lavoura arcaica* (1975) de Raduan Nassar, “o corpo do narrador absorve a exterioridade da experiência e,

simultaneamente, a razão reflexiva e a intencionalidade subjetiva” e, assim, o romance passa por uma escrita que “se percebe ao realizar as transformações que ocorrem, não entre o exterior e o interior, mas na diluição de sua distinção” (Schøllhammer, 2009, p. 119). Dessa forma, as personagens atravessam e são atravessadas simultaneamente.

Além disso, uma vez que a história de *Terra dentro* tem origem na vida real, podemos considerá-lo nesse sentido um livro realista. Poderíamos inclusive dizer que a escrita de Vascounto parte de um método de escrita antropológico ou, mais especificamente, etnográfico. Segundo a própria autora:

O Terra Dentro é uma história que ouvi de uma caseira, em Campinas. Ela me contou a história dela, esse acontecimento que se deu entre ela, a irmã, o irmão e mais uma família vizinha, de onde eles moravam, numa plantação de batatas. Eu estava recontando a história, como ela me contou, mas só do ponto de vista dela. Aí falei: “Talvez eu possa ampliar isso e trazer outras versões sobre esse fato”. Foi assim que essa história surgiu. Esse segundo segundo romance já veio muito carregado em linguagem, em me desafiar nessa seara, de fazer com que a linguagem também narrasse a memória para além dos personagens. (Vascounto, 2022).

Tal como fazem os antropólogos, a autora colheu uma história e a partir desse relato constituiu uma obra de ficção. Dessa forma, podemos inseri-la no conceito de narrador de Walter Benjamin: aquele que viaja e ouve várias histórias. Para Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p. 198). Nisso, Vascounto teve êxito: devido também à sua experiência prévia com o teatro, soube desenvolver a trama num jogo ágil de “mostra e esconde” de maneira que a história se desenrolasse muito naturalmente para os leitores, que acompanham os pensamentos e as lembranças das personagens sem dificuldade e, melhor, com atenção e interesse.

A LINGUAGEM NO ROMANCE

A narrativa na voz dos irmãos se passa anos depois do acidente. Vascounto fez questão de imprimir estilos muito próprios para cada um deles. Por isso, a linguagem de cada um deles é diferente uma da outra. A partir de suas memórias, cada personagem-narrador conta essa história se direcionando a alguém. Rita fala com a neném que não nasceu com vida, a quem se refere como “você que nunca chegou”; Mosquito fala com Rosa, o grande amor da sua vida com quem nunca mais teve contato; e Mirna fala com 8e23, o caseiro de quem é

amante. Além disso, a diferença de personalidade está também refletida na linguagem, na forma de narrar.

Ainda que as três vozes narrativas tragam um tom memorialístico, recordando-se do passado, se diferenciam tanto em relação à forma quanto no que diz respeito a suas subjetividades. Rita tem um olhar mais sensível, imaginativo, e menos conectado à realidade, porque, depois da perda da filha e do marido, começou a delirar; sua narrativa, permeada de divagações, repetições, onomatopeias e cantigas, acontece em parágrafos curtos e também em versos alinhados à direita. Em Rita, identificamos uma linguagem mais metafórica e melancólica, como nos trechos: “É, criança. / É de como a terra cai aos pedaços / e a gente junto.” e “Eu pequena, terra vermelha nos pés, num pedaço de chão que não era da gente. Eu pequena. Eu, meu pai, minha mãe, a Mirna e o Mosquito. Irmã mais velha, irmão mais novo. Eu pequena no meio. Num pedaço de terra que nunca foi da gente” (Vascouto, 2020, p. 13).

Mirna, a irmã mais velha, é mais assertiva e ríspida, apesar de consternada. É mais pragmática, tem um olhar mais prático em relação à vida e aos acontecimentos passados. Lemos trechos como:

Tanto tempo que o André morreu. Amanhã é aniversário de morte. Era o meu cunhado. Quinze anos já. Essa época do ano é a pior. “Levar cata-vento pro Maridinho”, a Rita diz. Dia de Reis. Reis da desgraça, só se for. Essa época do ano é ruim, só que o meio do ano também é porque teve o Mosquito que mataram em mês frio. Aí toca pro cemitério de novo. E no final do ano foi quando o pai e a mãe bateram as botas, então se você for ver direito o ano inteiro é osso (Vascouto, 2020, p. 24).

e

O tempo todo é “tem areia na minha boca, Mirna, e dói”. Eu já falei pra ela [Rita] que não tem nada, que deve ser problema de cuspe ou gengiva, ou o problema de um problema que fica mais pra dentro, só que no posto ela não vai. Aqui nessa casa o problema tá inteirinho mais pra dentro, vê? Teto, chão, parede. Não tem mais água no banheiro do meio. A piscina capenga, a fiação que toda hora queima tomada, uma peia sem fim (Vascouto, 2020, p. 73).

Com uma linguagem muito próxima da oralidade, valendo-se de gírias, palavrões — que podem lembrar outras narrativas contemporâneas como as de Rubem Fonseca e Paulo Lins —, além de transcrições de traços orais, como “deuzulivre” (Vascouto, 2020, p. 26), neologismos e fluxo de pensamento — remetendo à forma de composição de Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas* (1956) —, a narrativa de Mirna se dá sempre num grande parágrafo, um bloco sem interrupção até o fim de cada capítulo narrado por ela.

Mosquito, diferentemente das irmãs, está narrando após sua própria morte. Tem uma personalidade colérica, e isso o acompanha desde a adolescência até *post mortem*. Diante de uma infância sofrida e miserável, ele se desenvolve como um personagem raivoso, magoado. Lemos assim: “Tudo naquela terra era ruim e a Rita dizia que peste era eu, só que ali até o ar sabia ser pior. Calor demais, frio demais, ódio demais e a tristeza de todo mundo. Só dinheiro sabia ser pouco” (Vascouto, 2020, p. 29) e, mais à frente, “A plantação acaba com a gente, Rosa. Quando eu me olhei no espelho, o pó vermelho, mesmo eu longe e preso, tinha coberto o meu corpo pra sempre. O chão seco e esgarçado de batata agora era eu” (Vascouto, 2020, p. 79). Como vemos, sua narrativa é passional, imagética e dinâmica, e é ele o responsável pela movimentação da história do livro.

O EXTERIOR E O INTERIOR

Nesses trechos, também fica nítida a relação das personagens com a terra. Ainda que com estilos distintos, os três associam de alguma forma suas identidades à natureza, ao mundo exterior, que é marcado pela sequeidão, pela infecundidade e pela pobreza. Diante disso, percebemos que coexistem dentro da obra traços de subjetividade e de realismo. De acordo com Karl Erik Schøllhammer,

Não se deve ver na popularidade da autobiografia e da inserção de referências subjetivas na ficção apenas uma volta à introspecção psicológica em oposição aos escritores comprometidos com diferentes formas experimentais do realismo. É mais interessante notar que existe algo subjacente aproximando essas duas estratégias estéticas aparentemente tão diversas (Schøllhammer, 2009, p. 114-115).

E, mais, contrastando a cultura moderna dos séculos XIX e XX com a nossa atual, a qual chama de traumática, diz:

Se o choque era um impacto exterior sobre o sujeito, determinado pelas drásticas transformações da modernidade, a cultura traumática é uma cultura de interiorização do impacto, em que fica difícil discernir o exterior e o interior, a percepção e a fantasia, o físico e o psíquico e, até mesmo, a causa e o efeito (Schøllhammer, 2009, p. 115).

Dessa forma, a estética que explora a violência da realidade se articula junto àquela que explora o cotidiano e a intimidade. Apesar de *Terra dentro* ser um romance mais biográfico do que autobiográfico, como já vimos, a estrutura da narrativa acontece entre subjetividade (ainda que não a própria da autora) e acontecimentos externos, e nesse evento “aquilo que

acontece está acontecendo para o sujeito com uma tal força que remove a oposição entre o interno e o externo, entre subjetividade e mundo” (Schøllhammer, 2009, p. 66).

Essa interação entre o externo e o interno é conscientemente construída no romance pela autora, que revela:

Quando comecei a escrever o *Terra Dentro*, não pensei em tocar num tema social ou falar sobre as questões do campo, sobre a precarização do campo, o empobrecimento da terra e dos trabalhadores rurais. Queria falar dessa relação entre esses irmãos, e deles com os seus vizinhos, dentro dessa comunidade agrícola. Queria falar como o empobrecimento da terra empobrecia as relações, também esvaziava um pouco e deixava tudo muito brutal, no campo da violência. Isso era uma coisa dentro da subjetividade dos personagens e não do contexto social em que eles viviam. Mas é inevitável, quando você começa a trabalhar o íntimo dos personagens, começa a tocar pontos que tocam também as memórias e as vivências coletivas desses trabalhadores e de quem teve ou tem um contato com isso, a história cresce um pouco por si. Quando você toca o mundo interno de um personagem, necessariamente toca o mundo externo, aí as coisas vão surgindo de maneira que você possa conectá-los e não tirar eles desse contexto. Não só trabalhar a subjetividade, mas, pelo contrário, fazer com que aquilo sirva à subjetividade dos personagens — pelo empobrecimento das relações, pela questão árida entre os personagens. Colocar um momento muito precário dentro da condição rural hoje em dia, ainda muito exploratória. Eles estão em uma monocultura, isso também não favorece que as coisas frutifiquem. No fundo é isso, uma terra infrutífera dentro de relações infrutíferas (Vascounto, 2022).

Essa infertilidade, identificada nas temáticas da realidade violenta, empobrecida e desigual, e da consequente melancolia, resulta na impossibilidade de humanização das relações dentro de um ambiente tão hostil e desfavorável. Por isso, interior e exterior se confundem, se mesclam e se desconsolam mutuamente.

CONCLUSÃO

Em suma, o presente trabalho procurou analisar brevemente o curto e marcante romance de Vanessa Vascounto: *Terra dentro*. Identificamos, na sua estrutura, na construção das personagens, no desenrolar do enredo e no afã com a linguagem, um traço que parece ser característico do romance contemporâneo: o entrelaçamento das questões sociais com as questões íntimas e subjetivas, e vice-versa. Estamos, portanto, diante de uma narrativa que se constrói de modo a diluir a distinção entre aquilo que é intrínseco e aquilo que é extrínseco, e até mesmo consegue inverter essas posições: “O suco de romã foi a premonição do sangue. Do fim da tarde, o céu vermelho que manchava a nuvem pequena e fina por cima, o sol batido se juntando com a terra que sempre me botou sujo o pé e agora tudo. Terra dentro, sangue fora” (Vascounto, 2020, p. 65-66).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHØLLHAMMER, Erik K. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VASCOUTO, Vanessa. Terra dentro. São Paulo: Reformatório, 2020.

_____. FLIBI | Família e memória. **Biblioteca Pública do Paraná**, 2022. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/FLIBI-Familia-e-memoria>>. Acesso em: 01 mar. 2023.